



A TRAJETÓRIA DE FRANCIS GALTON E SUA PERSPECTIVA EUGÊNICA NO PRIMEIRO TRIMESTRAL DE *THE EUGENICS REVIEW* (1909)

Leonardo Dallacqua de Carvalho*
Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ-RJ
leo.historiafiocruz@gmail.com

RESUMO: Este artigo busca analisar a trajetória e a posição eugênica do cientista inglês Francis Galton nos três primeiros números da *The Eugenics Review*, em 1909. Ao longo do texto pretendo responder quais eram os objetivos de Galton com a fundação do periódico que sobreviveu por quase seis décadas. Desse modo, ao trazer a expectativa de Galton no *The Eugenics Review*, apresento as intenções de um periódico que pretendia ser um fio condutor entre ciência eugênica e sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Francis Galton - Eugenia - *The Eugenics Review*

FRANCIS GALTON'S PATH AND IT'S EUGENIC PERSPECTIVE IN THE FIRST QUARTER OF *THE EUGENICS REVIEW* (1909)

ABSTRACT: This article seeks to analyze the trajectory and eugenic position of the English scientist Francis Galton in the first three issues of *The Eugenics Review in 1909*. Throughout the text, I intend to answer what were Galton's objectives with the foundation of the journal that survived for almost six decades. Thus, in bringing Galton's expectation in *The Eugenics Review*, I present the intentions of a journal that purported to be a thread between eugenic science and society.

KEYWORDS: Francis Galton - Eugenic - *The Eugenics Review*

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a eugenia tem avançado consideravelmente nas últimas décadas no país.¹ A relação contextual entre eugenia e Brasil tem demonstrado de que

* Doutorando em História das Ciências e da Saúde na Casa de Oswaldo Cruz, FIOCRUZ-RJ. Mestre e graduado em História pela Universidade Estadual Paulista, UNESP-Assis. Temas de interesse: eugenia, história intelectual, história do pensamento social brasileiro e história política.

modo as teses de Francis Galton (1822-1911) dialogaram com eugenistas nacionais e quais as negociações ocorridas para o seu tráfego em uma parcela da comunidade científica.

No entanto, à exceção do artigo de Valdeir Del Cont ou da síntese realizada por Nancy Stepan, pouca abordagem em perspectiva histórica sobre Francis Galton, o criador da eugenia, foi realizada. Por este ponto de vista, em um primeiro momento quero desenvolver aspectos da sua trajetória, na qual acredito ser uma contribuição para a interpretação da eugenia. Depois, ao examinar o *The Eugenics Review* procuro oferecer subsídios para compreender a proposta do trimestral sobre a divulgação da eugenia naquele momento.

No que diz respeito ao método de análise é preciso ponderar algumas escolhas. Um estudo sobre *The Eugenics Review*, fundada em 1909 e encerrada em 1968, requeria uma análise quantitativa e qualitativa da sua longa duração. Diante às possibilidades de tratamento do periódico, é preciso pensá-lo em um projeto coletivo mais denso. Há, por exemplo, a viabilidade de comparação entre o escopo editorial do periódico no intervalo de quase seis décadas e observar as transformações do conceito de eugenia neste período. Em especial, discutindo o debate científico do termo durante este tempo. À medida que busco observar Galton e o impresso, me debruço em sua participação em nos três primeiros números de *The Eugenics Review*. Isto porque o eugenista inglês não assina textos em 1910 e, posteriormente, falece em 1911.

Em termos metodológicos, analisar periódicos não é mais uma novidade na historiografia. Embora com poucos trabalhos até a década de 1970, o campo expandiu consideravelmente nas últimas quatro décadas revelando como esta modalidade de documentação, quando examinada de maneira adequada, oferece novas perspectivas sobre um tema e a própria prática de historicizar.²

¹ MOTA, André. **Quem é bom já nasce feito**: Sanitarismo e Eugenia no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2003; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. A eugenia brasileira e suas conexões internacionais: uma análise a partir das controvérsias entre Renato Kehl e Edgard Roquette-Pinto, 1920-1930. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, v.23, suppl.1, 2016, pp.93-110; STEPAN, Nancy L. **A hora da eugenia**: raça gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2005; WEGNER, Robert; SOUZA, Vanderlei Sebastião. Eugenia ‘negativa’, psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v.20, n.1, 2013.

² DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 111-153.

Em relação à imprensa e à história das ciências, o advento das publicações marcam não somente o entendimento da propaganda e disseminação científica, mas a própria alteração de padrões, recheada de tensões e negociações, uma vez que havia a passagem do manuscrito para o impresso.³ Entendendo tais transformações, o historiador Luiz Otávio Ferreira assevera que a própria função do periódico teve alterações ao longo das épocas.⁴ Se na Europa do século XVIII a preocupação era com a compilação de dados, posteriormente os trabalhos inéditos foram aglutinados na atividade científica. Ainda para este autor no que diz respeito aos periódicos médicos, "[...] é possível atribuir-lhe a função social mais ampla de intermediário entre a comunidade científica e a sociedade".⁵ Esta é uma demanda inerente ao *The Eugenics Review*.

Considero este texto um estágio inicial de um projeto maior sobre um dos principais canais de discussão eugênica do século XX, *The Eugenics Review*. A atual proposta, sobretudo, busca maximizar uma discussão global de eugenia para pesquisadores brasileiros. Como mencionei antes, há muitas pesquisas sobre eugenia brasileira e sua relação internacional, mas ainda há pouco acerca das suas origens. À medida que as fontes estão largamente disponíveis na internet e rompem com a necessidade geográfica da consulta *in loco*, entendo que as barreiras para os estudos da fundação da eugenia no século XIX foram abreviadas. A corrente investigação tem enquanto suporte documental fontes do arcabouço virtual do *National Center for Biotechnology Information*.⁶ Do mesmo modo, a larga produção intelectual de Francis Galton pode ser encontrada no site dedicado à sua trajetória⁷.

Penso ser relevante para os estudos sobre eugenia contribuições que antecedem a institucionalização de suas bases no Brasil. À medida que as investigações históricas sobre eugenia recebem cada vez mais atenção pelos pesquisadores brasileiros é preciso avançar nas discussões sobre o assunto, mesmo considerando os limites atuais de uma pesquisa como esta.

³ EISENSTEIN, Elizabeth L. **A Revolução da Cultura Impressa: Os primórdios de Europa Moderna**. São Paulo: Editora Ática, 1998, p. 208.

⁴ FERREIRA, Luiz. O. Os periódicos médicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil (1827-43) *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, v.6, n.2, jul.-out. 1999, p.332-333.

⁵ Ibid., p.332-333.

⁶ <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/journals/1186/> (Acesso em 20 de julho de 2017).

⁷ <http://galton.org/> (Acesso em 20 de julho de 2017 a 10 de novembro de 2017).

Outro argumento importante diz respeito à democratização do conhecimento, especialmente pelo sistema de *open access* dos periódicos brasileiros. O acesso aberto é elemento indispensável para a melhor circulação, articulação e produção entre a comunidade acadêmica. Por esta razão, a facilidade em obter fontes antes inacessíveis e a presença de uma política democrática de consulta à produção científica permite o surgimento de novas interpretações e aprofundamento de discussões ainda em maturação. Estudar a trajetória de Francis Galton e a articulação da eugenia internacional na conjuntura do século XIX e início do XX justifica tal esforço.

FRANCIS GALTON E A EUGENIA

Antes de adentrar na relação entre Galton e *The Eugenics Review* pretendo apresentar a trajetória do cientista inglês. Seu contexto familiar, nacional e suas rede intelectual é fundamental para compreender a sua perspectiva científica.

Francis Galton nasceu em Sparkbrook, cidade localizada em Birmingham, na Inglaterra. Em suas memórias, a localidade foi lembrada pela proximidade estabelecida com seu avô Samuel Galton (1753-1832) e seu pai Samuel Tertius Galton (1783-1844).⁸ Além de boas condições financeiras, alguns de seus familiares demonstravam interesse pela ciência. Seus avôs, Samuel Galton e Dr. Erasmus Darwin (1731-1802), participavam de uma sociedade científica nomeada de Sociedade Lunar.⁹ A Sociedade contava com outros nomes eminentes da ciência da época como o químico e geólogo James Keir (1735-1820), o botânico e médico William Withering (1741-1799), Matthew Boulton (1728-1809) (fabricante de produtos de metal que posteriormente foi parceiro de James Watt (1736-1819) na produção de máquinas a vapor), entre outros.¹⁰

Erasmus Darwin era avô de Francis Galton e do naturalista Charles Darwin (1809-1882). Em seu livro de memórias, Galton relatava a grande admiração pelo avô na sua formação científica e atribuía seu gosto pela ciência em razão da hereditariedade presente em sua família.¹¹ Como menciona Nicholas Gillham, Erasmus Darwin

⁸ GALTON, Francis. **Memories of my life**. London: Methuen & CO, 1908, p.2.

⁹ BULMER, Michael. **Francis Galton: pioner of heredity and biometry**. Maryland: The John Hopkins University Press, 2003.

¹⁰ CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. **A eugenia no humor da Revista Ilustrada Careta: raça e cor no Governo provisório (1930 – 1934)**. Dissertação de Mestrado. Assis-SP: UNESP, 2014.

¹¹ GALTON, Francis. **Memories of my life**. London: Methuen & CO, 1908, p. 6-7.

publicou várias contribuições sobre os estudos de plantas e foi sempre visto por Galton com muita admiração.¹²

Ainda criança, dos 6 ao 7 anos de idade estudou na *Dame School*. Entre os 8 e 9 anos foi matriculado na *School at Boulogne*. Dos 10 aos 12 anos estudou na *School at Kenilworth*. Por fim, entre os 13 aos 15 anos foi aluno do *King Edward's School*. Academicamente, sua trajetória foi iniciada no curso de medicina *King's College Medical School*, em Londres, aos 17 anos. No entanto, suas pretensões mudaram quando em 1840 inscreveu-se no curso de matemática na *Cambridge University*.¹³ Dono de uma generosa herança, as décadas de 1840 e 1850 foram marcadas pela realização de uma série de viagens para Egito, Sudão e diversos países africanos. Além disso, sob o auspício da *Royal Geographical Society* viajou para Namíbia e Botsuana. Galton entrou em contato com várias populações daquele continente como Namaquás, Ovamos e Damaras. O resultado das viagens materializou-se em obras como *Narrative of an Explorer in Tropical South Africa* (1853) e *The Art of Travel* (1860).

Aventurou-se também no mundo das invenções, esboçando o que chamou de *The Telotype: a Printing Electric Telegraph*. Tratava-se, resumidamente, de um telégrafo de agulha de impressão. Ao imprimir caracteres reis ao invés da pontuação característica do sistema Morse. Peças foram montadas, mas o equipamento nunca chegou a ser construído.¹⁴

Sua participação na área da meteorologia também deve ser sublinhada. Publicou um estudo no *Macmillan and Co*, intitulado de *Meteorographica, or Methods of Mapping the Weather*, no qual tentava reunir dados climáticos em escala continental.¹⁵ Foi responsável por contribuições para o entendimento dos anticiclones.¹⁶ De fato, Galton não pode ser qualificado como um cientista de um único tema, mas em trânsito por diferentes áreas incluído a psicologia, antropologia e biometria.

¹² GILLHAM, Nicholas Wright. **Sir Francis Galton: From African exploration to the birth of eugenics**. New York: Oxford University Press, 2001, p. 16.

¹³ KEVLES, Daniel J. **In the name of eugenics: genetics and uses of human heredity**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1985, p.7.

¹⁴ <http://galton.org/biography/biography.html> (Acesso em 12 de setembro de 2017).

¹⁵ GALTON, Francis. **Meteorographica, or Methods of Mapping the Weather**. London and Cambridge: Macmillan and Co, 1863.

¹⁶ <http://galton.org/biography/biography.html> (Acesso em 12 de setembro de 2017).

Seu primeiro esboço sobre estatística e hereditariedade ocorreu em 1865 no artigo *Hereditary Talent and Character*, em um dos periódicos científicos mais influentes do século XIX, o *Macmillan's Magazine*. Na primeira página admitia a tese em formação que o acompanharia durante a sua trajetória:

The power of man over animal life, in producing whatever varieties of form he pleases, is enormously great. It would seem as though the physical structure of future generations was almost as plastic as clay, under the control of the breeder's will. It is my desire to show, more pointedly than - so far as I am aware - has been attempted before, that mental qualities are equally under control.¹⁷

O estudo hereditário de Galton tem influência na leitura de *A origem das espécies* (1859), do seu primo Darwin. Nas memórias, relata que a obra de Darwin marcou não somente os seus estudos, mas toda a humanidade.¹⁸ A relação com Darwin também ocorreu na tentativa de compartilhar pesquisas sobre caracteres e hereditariedade. Galton foi um entusiasta do trabalho sobre pangênese realizado por Darwin, "[...] principalmente por acreditar na existência de uma unidade fisiológica responsável pela transmissão das características dos progenitores à prole: as gêmulas".¹⁹ Em 12 de maio de 1870 escrevia:

Meu estimado amigo Darwin. Boas notícias “coelhísticas”! Um coelhinho das últimas ninhadas tem uma pata branca. [...] {O}s filhotinhos se aglomeraram mostrando apenas a parte traseira e a cabeça, mas, em algum momento, o pé. A mãe recebeu uma transfusão cinza e branco, e o pai, de preto e branco. Isso, lembre-se, é de uma transfusão de apenas 1/8 parte de sangue estrangeiro em cada pai e mãe; agora, depois de muitos experimentos fracassados, melhorei muito o método de operação e estou começando a fazê-lo nas outras jugulares de meu estoque. Ontem operei dois que estão passando bem hoje e que agora têm 1/3 de sangue estrangeiro em suas veias. No sábado espero obter sucesso ainda maior, e continuarei adiante, não importa quantos coelhos eu faça perder a vida, até obter pelo menos 1/2 de sangue estrangeiro. O experimento não é justo para a Pangênese, enquanto eu não chegar lá.²⁰

Como explicam Fernanda Arcanjo e Edson Silva "A teoria da pangênese (do grego pan, todo, e genesis, origem/nascimento) se baseia na proposta de que toda a

¹⁷ GALTON, Francis. *Talent and Character*. **Macmillan's Magazine**, 1865, p. 157.

¹⁸ GALTON, Francis. **Memories of my life**. London: Methuen & CO, 1908, p.287.

¹⁹ DEL CONT, Valdeir Donizete. Francis Galton: eugenia e hereditariedade. **Scientiae Studia**. São Paulo, v. 6, n. 2, 2008. p. 210.

²⁰ BURKHARDT, Frederick; EVANS; Samanta, PEARN, Alison. **A evolução: cartas seletas de Charles Darwin, 1860-1870**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 280-281.

organização do corpo é capaz de reproduzir a si mesma por meio de suas partes”.²¹ Com a "redescoberta" dos trabalhos de Gregor Mendel (1822-1884), a pangênese deixava de oferecer melhor explicação em comparação àquela explicada pelos genes e a herança. Tal fator não significou o total abandono por parte da comunidade científica das prerrogativas de Darwin.²² De fato, até pelo menos a década de 1930 é fácil identificar eugenistas ainda adaptando a hereditariedade nas linhas da pangênese.

Discípulo de Galton, o matemático Karl Person (1857-1936), em biografia dedicada a Galton salientou que os experimentos com a pangênese reduziu o contato entre Darwin e Galton.²³ Para Daniel Kevles (1985, 18-19), o estudo de Darwin sobre a pangênese e as experiências realizadas com coelhos por Galton, o permitiu acreditar que os caracteres poderiam ser transmitidos de geração para geração.²⁴ Posteriormente, as pesquisas de August Weismann (1834-1914) forneceriam respaldo à concepção de transmissões por caracteres. Galton pretendia pensar as leis da seleção natural de Darwin aplicadas na hereditariedade humana e, se possível, aprimorar este entendimento para um maior controle qualitativo da espécie. Por esta interpretação pode-se indagar de que maneira Galton entendia a hereditariedade humana em contato com o livro de Darwin, principalmente no que diz respeito ao segundo título da obra: *A origem das espécies*: "Preservação de raças favorecidas na luta pela vida".

A rigor, *Hereditary Talent and Character* pode ser considerado o esboço inicial, porém bem fundamentado, daquilo seria chamado em 1883 de eugenia. Sua tese inicial dizia que os traços intelectuais e de caráter poderiam ser encontrados nos jovens e em seus pais. Mas qual seria a explicação caso pais considerados "bem nascidos" tivessem filhos "medíocres"? A resposta estava na combinação dos caracteres. Durante a combinação poderia ocorrer das características preteridas, seja intelectual ou moral, serem neutralizadas.²⁵ O cientista inglês reconhecia que ainda haviam lacunas nas suas explicações sobre o talento hereditário, mas com o aprimoramento das pesquisas as

²¹ ARCANJO, Fernanda Gonçalves; SILVA, Edson Pereira. Pangênese, genes, epigênese. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.24, n.3, jul.-set. 2017, p.709.

²² Ibid.,p.714.

²³ PERSON, Karl. **The life, letters and labours of Francis Galton**. v. 2. Cambridge: University Press, 1924, p. 156.

²⁴ KEVLES, Daniel J. **In the name of eugenics: genetics and uses of human heredity**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1985, p.18-19.

²⁵ GALTON, Francis. Talent and Character. **Macmillan's Magazine**, 1865, p. 158-159.

respostas seriam melhoradas. De modo geral, a principal tese estava lançada: “[...] that when a parent has achieved great eminence, his son will be placed in a more favorable position for advancement, than if he had been the son of an ordinary person”.²⁶

Embora o texto na *Macmillan's Magazine* seja considerado inicial dos estudos da eugenia, foi apenas em *Hereditary Genius* (1869) que Galton elaborou mais concisamente sua tese. Para Nancy Stepan (2005, p.30) este é considerado o texto seminal da eugenia.²⁷ Um dos pontos da obra estava em demonstrar como os traços familiares hereditários, quando bem selecionados, acarretavam na gestação de grandes indivíduos. Para comprovar o sucesso hereditário, Galton parte dos exemplos de homens considerados eminentes ao longo da história da humanidade:²⁸

Juízes ingleses:	- Heneage Finche - Robert Forster
Estadistas:	- Honoré Mirabeau - Oliver Cromwell
Comandantes:	- Alexandre, O grande - Napoleão Bonaparte
Escritores:	-Irving -Jacques-Bénigne Bossuet
Cientistas:	- Aristóteles - Francis Bacon - Isaac Newton - conde de Buffon
Poetas:	- Johann Wolfgang von Goethe - John Milton
Músicos:	- Ludwig van Beethoven - Wolfgang Amadeus Mozart
Pintores:	- Rafaele - Bellini

²⁶ GALTON, Francis. Talent and Character. **Macmillan's Magazine**, 1865, p. 161.

²⁷ STEPAN, Nancy L. **A hora da eugenia: raça gênero e nação na América Latina**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2005, p. 30.

²⁸ GALTON, Francis. **Hereditary Genius**. London: Macmillan and Co, 1869.

Selecionei uma pequena amostragem dos nomes citados por Galton. O autor salienta que o número da sua pesquisa ultrapassou 300 famílias e compreendeu uma relação de 1.000 homens classificados com talento hereditário.²⁹ A questão racial, muito discutida em países em que a eugenia foi vista pela questão da cor e raça, ocupava pouco espaço na interpretação de Galton. Não significa dizer que não existia, mas respondia a uma pequena parte da discussão em relação à qualidade hereditária, sua maior preocupação. Como menciona Kevles “Galton was at best vague about the ethnological inquiries. Indeed, though his African travels had confirmed his standard views of 'inferior races', racial differences occupied only a minuscule fraction of his writings on human heredity.”³⁰

Quero enfatizar que a leitura de ciência e hereditariedade de Galton deve ser enquadrada no contexto particular da Inglaterra na segunda metade do Oitocentos. Afinal, para o cientista inglês os anglo-saxões compunham o melhor exemplar humano no estoque da hereditariedade. Era o grupo que mais fornecia intelectuais, artistas e demais talentos quando comparado a outras civilizações.

Em *Nação e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*, o historiador inglês Eric Hobsbawm comenta a importância de levar em consideração a questão da língua e raça para o sentimento de pertencimento a uma "origem híbrida" no século XIX.³¹ O estágio de desenvolvimento das nações acabou sendo um suporte para as idealizações de determinados cientistas e intelectuais. A Inglaterra, por sua vez, desfrutava de um momento vitoriano e a Revolução Industrial era uma demonstração do progresso natural daquele país. Benedict Anderson ao estudar o imperialismo inglês na Índia nota como se buscava por meio do sistema educacional inglês a criação de um novo grupo indiano no sangue, mas inglês na moralidade, no intelecto e no gosto.³² O imperialismo tentava reproduzir uma nação inglesa, considerada pelos conquistadores superior às outras. Este sentimento aparece nas discussões de hereditariedade à medida que a superioridade é entendida na força imperialista das nações. Portanto, concordo

²⁹ GALTON, Francis. **Hereditary Genius**. London: Macmillan and Co, 1869, p.316.

³⁰ KEVLES, Daniel J. **In the name of eugenics: genetics and uses of human heredity**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1985, p.8.

³¹ HOBSBAWM, Eric J. **Nação e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p.172.

³² ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 136-137.

com a tese de Donald Mackenzie de que o pensamento eugênico, ao menos em seu início, extraiu recursos presentes na cultura da Grã-Bretanha vitoriana.³³

Deve-se relembrar que Galton obteve larga experiência em viagens científicas em diferentes regiões do continente africano. Isto é, observou e tomou nota de diferentes grupos, relatando suas diferenças físicas e morais em relação a outros povos, inclusive em comparação aos ingleses. Está presente em sua perspectiva uma hierarquização de "grupos humanos" do qual o anglo-saxão tomava a dianteira.

Se em *Hereditary Genius* estava todo o raciocínio da ciência eugênica, foi apenas em 1883, com a publicação de *Inquiries into human faculty and development*, que o termo eugenia aparece. A citação a seguir, além de didática, demonstra o estado da maturidade do conceito pensado por Galton quase vinte anos depois da publicação no *Macmillan's Magazine*:



That is, with questions bearing on what is termed in Greek, eugenes, namely, good in stock, hereditarily endowed with noble qualities. This, and the allied words, eugeneia, etc., are equally applicable to men, brutes, and plants. We greatly want a brief word to express the science of improving stock, which is by no means confined to questions of judicious mating, but which, especially in the case of man, takes cognisance of all influences that tend in however remote a degree to give to the more suitable races or strains of blood a better chance of prevailing speedily over the less suitable than they otherwise would have had. The word eugenics would sufficiently express the idea; it is at least a neater word and are generalised one than viriculture, which I once ventured to use.³⁴

O rodapé dedicado à palavra *eugenic* delimita o conceito dentro da perspectiva do estoque hereditário qualitativo. Havia a necessidade de uma palavra que sintetizasse a aplicação da sua tese em plantas, animais e na humanidade. Assim como propõe Reinhart Koselleck, um conceito está relacionado com aquilo que se pretende compreender, uma relação a ser feita entre o conceito e o conteúdo a ser entendido, construindo assim uma inteligibilidade.³⁵

³³ MACKENZIE, Donald. Eugenics in Britain. **Social Studies of Science**. University of YorkUK, v. 6, n. 3/4, 1976, p. 503.

³⁴ GALTON, Francis. **Inquiries into human faculty and its development**. London: Macmillan and Co, 1883, p. 24-25.

³⁵ KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992, p. 135.

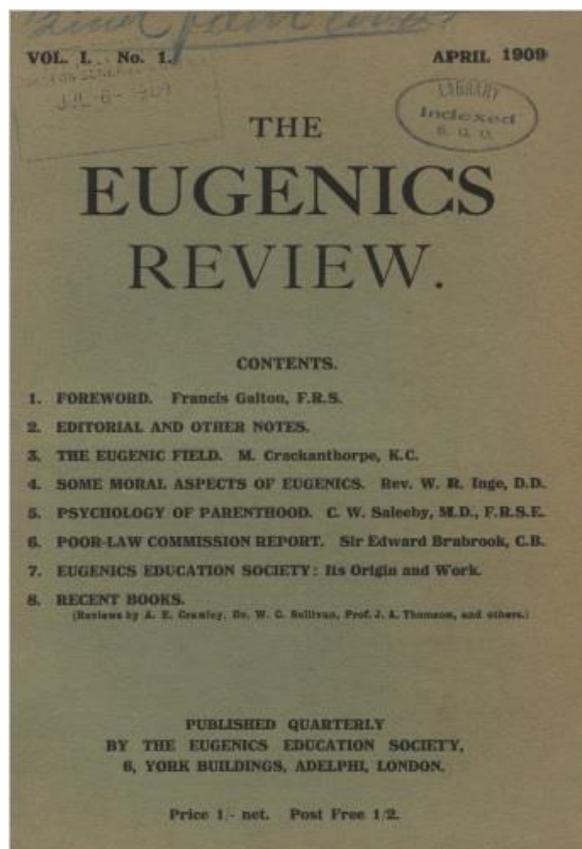
A partir de Galton a eugenia passou a circular como um conceito científico para aqueles que pensavam na viabilidade do melhoramento hereditário humano. Embora forjada no século XIX, foi somente no século XX que recebeu maior apelo e institucionalização fora da Inglaterra. Países como Estados Unidos, Alemanha, Dinamarca, Argentina, México e Brasil aplicaram em seus contextos as teses eugênicas de Galton. Outro dado importante diz respeito à longa duração da eugenia. Se considerarmos sua idealização em 1865, a eugenia sobreviveu por mais de cem anos, inclusive no pós-segunda Guerra Mundial em países como Estados Unidos e Brasil.³⁶ Aliás, a própria *The Eugenics Review* constitui um exemplo da longevidade das teses de Galton ao encerrar suas atividades apenas em 1968.

AS EXPECTATIVAS DE FRANCIS GALTON NO PRIMEIRO ANO DA *THE EUGENICS REVIEW*

A primeira edição de *The Eugenics Review* surgiu em abril de 1909. Foi um esforço da Sociedade Eugênica de Educação de marcar seu território no campo científico da eugenia. Seu conteúdo procurou ser diversificado e atuante em diversas frentes de ação eugênica. Na condição de Presidente Honorário, Galton redigiu o prefácio inaugural, expondo as expectativas de um periódico temático e quais eram seus objetivos. Um segundo tópico chamado de *Editorial and other notes* explicava mais detalhadamente o escopo do periódico e quais suas filiações político-sociais (afirmando que não tinha uma ideologia política definida, mas abraçava todas aquelas que se preocupavam com o melhoramento hereditário), científicas (aceitando tanto propostas lamarckistas quanto mendelianas) e religiosas (de vertente católica).³⁷ De modo geral, versava que o periódico almejava atingir preferências diversas do público britânico.

³⁶ STERN, Alexandra Minna. **Eugenic Nation: faults and frontiers of better breeding in modern America**. California: University of California Press, 2005; CARVALHO, Leonardo Dallacqua de; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Continuidades e rupturas na história da eugenia: uma análise a partir das publicações de Renato Kehl no Pós-Segunda Guerra Mundial. **Revista Perspectiva**, v.35, n.3, 2017.

³⁷ Editorial and other notes. **The Eugenics Review**. v.1, n.1,1909a, p. 2-5.



Os artigos da primeira edição foram escritos por diversas autoridades intelectuais britânicas. O capítulo *The eugenic field* foi forjado por Montague Hughes Crackanthorpe (1832-1913), Presidente da Sociedade Eugênica de Educação. Coube ao Reverendo William Ralph Inge (1860-1954) discutir *Some moral aspects of eugenics*. O reverendo mencionava que a religião deveria considerar o aumento do conhecimento científico na luta moral contra o mal.³⁸ Este combate não deveria ser com arcos arcaicos, mas com "armas modernas", ou seja, as benéficas da ciência. *Psychology of Parenthood* era objeto de análise do eugenista inglês Caleb Williams Saleeby (1878-1940). Neste mesmo ano Saleeby publicaria uma de suas principais obras, *Parenthood and race culture an outline of eugenics*³⁹, da qual discutia a importância dos venenos raciais em uma leitura eugênica. Especialista em Antropologia e Folclore, Sir Edward William Brabrook (1839-1930) tratou da *Poor-law comission report*, de 1832, que dissertava sobre a pobreza como um problema que atingia toda a coletividade. Assim,

³⁸ INGE, William Ralph. Some moral aspects of eugenics. *The Eugenics Review*, v., n.1, 1909a, p. 26-36.

³⁹ SALEEBY, Caleb. *Parenthood and race culture an outline of eugenics*. New York: Moffat, Yard and Company, 1909.

crianças que nascem em ambientes doentes, imorais ou de consumo de álcool são condenadas à pobreza. A prisão como método de profilaxia era uma das soluções propostas para conter a pobreza.⁴⁰ Em seguida, o item sete da *The Eugenics Review* era um esboço histórico da criação da Sociedade de Educação Eugênica, criada em 1907. Por fim, o último tópico trazia uma série de resenhas de livros a respeito de temas relacionados à eugenia, hereditariedade, higiene, saúde, entre outros.

Apresentado o histórico primeiro número, devo retornar ao objetivo principal em relação às expectativas de Francis Galton em seu prefácio. Em sua perspectiva, o periódico deveria ampliar seu público e angariar publicações tanto de autores nacionais quanto de estrangeiros, respeitando o máximo possível bases estritamente científicas. Isto porque em sua idealização o periódico almejava ser popular e, para tanto, não poderia abusar de pedantismos ou cientificismos. Para somar público era preciso tornar-se legível. No entanto, seus editores se preocupavam com a banalização da discussão científica da eugenia. Em síntese, queriam popularizar, mas também manter a relação rigorosa entre eugenia e ciência. Como mencionei na primeira seção deste texto, a eugenia se fundamenta na tradução científica da matemática-estatística, vinculada a uma proposta de compreensão da hereditariedade humana:

Its general purpose is, as stated in the Prospectus, to give expression to the Eugenic movement and to place Eugenic thought, where possible, on a strictly scientific basis. It is hoped that a periodical conducted on these lines will reach a wider circle than that of the present members of the Society, and will be welcomed by many outsiders who take an interest in such social problems as may be capable, at least to some extent, of being solved by the help of Eugenic principles.⁴¹

Assim, *The Eugenics Review* aparecia como um suporte de discussão sobre eugenia para a sociedade. Embora as bases científicas sejam convidativas para a discussão, a simples experiência a respeito do tema seria suficiente para leitura e participação na revista. Galton sintetiza com uma analogia referente à navegação para explicar as intenções do trimestral. Para ele, um navegador pode se localizar no oceano com diversos instrumentos de navegação sem precisar saber como estes equipamentos foram construídos. Esta era a intenção da *The Eugenics Review*. Compreender como a eugenia é útil para a sociedade, sem necessariamente prender-se às discussões científicas da matemática, estatística ou biologia.

⁴⁰ BRABROOK, Edward. Poor-law commission report. *The Eugenics Review*, v.1, n.1, 1909a.

⁴¹ GALTON, Francis. Foreword. *The Eugenics Review*. *The Eugenics Review*, v.1, n.1, 1909a, p.1.

Em seu segundo número, datado de julho de 1909, *The Eugenics Review* trouxe um artigo de Galton confirmando o tipo de diálogo a ser estabelecido com seu leitor. A preocupação explicativa da compreensão de eugenia, com usos de analogias e sem excessos de retórica rebuscada científica aparece como principal característica do texto *Eugenic qualities of primary importance*. Nota-se a precaução com uma escrita que se aproximasse do público leitor não especializado, especialmente ao convidar este leitor para pensar em conjunto acerca das possibilidades eugênicas.

O argumento central estava em situar a eugenia como um bem coletivo e valioso para o crescimento da nação. Do seu ponto de vista, eugenistas seriam uma espécie de filantropos com um dever patriótico. Portanto, as comunidades prósperas selecionavam seus principais elementos e poderiam ser observadas pelo vigor do trabalho da sua população. A eugenia dedicaria importância a mente e corpo sãos, em que uma inteligência acima da média combinada com uma capacidade natural para o trabalho correspondiam às características dos "bem nascidos".⁴² Para exemplificar este efeito, lançava mão da comparação acerca do curso da evolução em grandes lagartos. Segundo Galton, pelo fato de grandes lagartos serem incapazes de ações rápidas foram superados por pássaros e mamíferos possuidores de maior ação e resistência. Desse modo, a combinação ideal para o trabalho estaria na aliança entre o corpo e a inteligência.

A preocupação de Galton no presente texto está em pensar a eugenia enquanto coletividade ao invés de individualidade. Deste modo, não se trata em buscar apenas indivíduos isolados para observar o funcionamento eugênico, mas englobar na metodologia de análise toda a comunidade. Por sua vez, este grupo seria compreendido pelas famílias, escolas, clubes, municípios, religiões, entre outros. Pensando o coletivo, o cientista inglês acionava a ideia de uma prosperidade cívica.⁴³

Por fim, a terceira aparição de Galton em *The Eugenics Review* esteve na publicação do artigo *Note on the effects of small and persistent influences*, de outubro de 1909. Em relação aos artigos anteriores, considero-o mais combativo no que

⁴² GALTON, Francis. Eugenic qualities of primary importance. **The Eugenics Review**, v.1, n.2, 1909b, p.75.

⁴³ Ibid., p.76.

concerne às necessidades da eugenia na sociedade e sua divulgação para um maior número de pessoas.

Inicialmente, Galton salienta que as mudanças revolucionárias na opinião pública geralmente ocorrem quando causadas por eventos que atuam sobre uma comunidade prontamente preparada para se beneficiar deles. A eugenia seria enquadrada no contexto revolucionário e traria maior efeito se mais pessoas compreendessem os seus efeitos sociais. Para tanto, era preciso um esforço coletivo para mudar a opinião pública a respeito da eugenia:

This is precisely the method attempted by the Society of which this REVIEW is the organ. Its supporters rely on the power of gentle, persistent effort to turn public opinion in favour of Eugenics, and they believe that, once opinion is so turned, Eugenic practice will follow. For although, if watched for a short time only, public opinion appears to be stable, few things are more unstable in the long run.⁴⁴

O fragmento acima delimita as intenções principais de *The Eugenics Review* para Galton. O periódico deveria ser atuante na condição de um canal de transformação da opinião pública em favor da eugenia. Na medida que a opinião pública se convertesse, o curso da eugenia seguiria naturalmente, rumo à revolução da sociedade.

Embora os artigos de Galton fossem sucintos, não passando de três páginas, eles resumiam a importância em divulgar e convencer a comunidade sobre os benefícios da eugenia. Para um periódico dedicado à eugenia que acabava de nascer no século XX, era fundamental contar em seus primeiros números com o fundador da tese da hereditariedade bem-nascida. Àquela altura, o eugenista inglês completava oitenta e sete anos de vida, quarenta e quatro deles dedicados à eugenia e à hereditariedade. Um ano antes, terminava de publicar seu livro de memórias. Curiosamente, enquanto correspondia com a *The Eugenics Review*, publicava em 1909 o livro *Essays in eugenics*, enfeixado pela *The Eugenics Education Society*.⁴⁵ Sua preocupação, entre outras, era de demonstrar o progresso da eugenia nos últimos tempos. Ao menos nas páginas do *The Eugenics Review* nota-se um Galton convencido de que a eugenia obteve sucesso parcial na sociedade, mas que era preciso um grande esforço da comunidade e de seus adeptos para atingir uma parcela ainda maior.

⁴⁴ GALTON, Francis. Note on the effects of small and persistent influences. *The Eugenics Review*, v.1, n.3, 1909c, p.149.

⁴⁵ GALTON, Francis. *Essays in eugenics*. London: The Eugenics Education Society, 1909.

Após o falecimento de Galton, em janeiro de 1911, *The Eugenics Review* lançou um memorial com nove páginas sobre sua vida e obra e o trabalho científico e social realizado pela eugenia. Primo de Charles Darwin e filho de uma família próspera na ciência e na economia por parte de mãe e pai somado aos seus feitos na estatística, matemática, geografia, viagens científicas, biometria, retrato composto, hereditariedade, etc., o periódico o colocava como um representante autêntico da sua própria tese. Os anos finais da sua vida foram compartilhados com doenças e a surdez.⁴⁶ Mesmo com sua morte, a *The Eugenics Review* entendia que as bases da eugenia haviam sido lançadas e que não se tratava mais da obra de um cientista, mas uma questão coletiva da humanidade.

THE EUGENICS REVIEW



It is with deep regret that we have formally to record the death of our venerable Honorary President, which took place at Haslemere, Surrey, on the 17th of January, 1911. Sir Francis Galton has been rightly called the "Founder of Eugenics"; he took a great interest in the inauguration and growth of our Society, and personally contributed to the success of this REVIEW. The following Memoir is from the pen of one who, knowing him well, feels that he has lost an inspiring teacher, and a genial, sympathetic friend.

pro.br

47

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto procurou abarcar ao menos três intenções no que diz respeito aos estudos da eugenia no Brasil.

Em primeiro lugar, ao investigar *The Eugenics Review* busquei oferecer uma perspectiva de documentação pouco trabalhada pelos pesquisadores brasileiros, mas que está à disposição na íntegra para consultas e novas pesquisas. Por se tratar de um dos

⁴⁶ Memoir. *The Eugenics Review*. v.3, n.1,1911, p.9.

⁴⁷ Ibid., p.1.

periódicos mais influentes e com longa duração sobre eugenia, com a colaboração do próprio Francis Galton, há a possibilidade de novos enfoques e discussões sobre a temática e diretriz.

Outra preocupação estava relacionada à figura de Galton. Nos diferentes níveis acadêmicos de pesquisas que tratam a respeito da eugenia, o cientista inglês é resumido apenas como o seu fundador, esquecendo da relevância de sua trajetória para a compreensão de uma ciência ainda em formação. Entendo que em estudos de caso e ou abordagens mais específicos em relação à eugenia não é preciso retomar toda a sua história ou de seu criador, mas oferecer uma análise da sua trajetória é igualmente importante. Isto porque muitos pesquisadores apressadamente julgam a construção da eugenia como um esforço "pseudocientífico", sem levar em conta o que se entendia por ciência na época. Embora esta discussão tenha avançado no Brasil por meio da história das ciências, é preciso deixar às claras tais diferenças. No diagnóstico daqueles cientistas adeptos à relação entre eugenia e hereditariedade havia coerência nos postulados de Galton. Desse modo, explorar sua trajetória e de seus discípulos é um caminho para compreender a eugenia além de uma proposta de "melhoramento humano", mas contextualizá-lo como um movimento de caráter social e histórico. Galton além de fundador das bases da eugenia, como principal correspondente durante toda sua vida, trafegou nos mais variados centros científicos, sociedades, eventos e periódicos - como *The Times*.⁴⁸

Por fim, ao examinar as três primeiras edições de *The Eugenics Review*, da qual Galton fez parte, entendo que o periódico assumiu uma função de diálogo com a sociedade. Ao sair dos cânones do tratamento acadêmico, deixando de lado grandes fórmulas e cálculos em troca de analogias inteligíveis, há uma tentativa de aproximação entre ciência e população. Entendo *The Eugenics Review* assumindo um papel de circulação e divulgação científica da eugenia.

⁴⁸ GALTON, Francis. Deterioration of the British race. **The Times**. 18 de junho de 1909. Disponível em: <http://galton.org/letters/deterioration-british-race/galton-deterioration-british-race.htm> (Acesso em: 17 de outubro de 2017).

RECEBIDO EM: 04/12/2017

PARECER DADO EM: 14/12/2017



www.revistafenix.pro.br